

# 100 Anos depois, Bandeira dá panos p'ra manga

Maria Aparecida Ribeiro<sup>1</sup>

Ao ler as memórias de Oswald de Andrade, isto é, o seu *Diário Confessional*, iniciado em 19 de junho de 1948 e que dispôs ser publicado “em 1991 ou antes” (Andrade, 2022, p. 23), deparei-me com uma série de referências a Manuel Bandeira, nenhuma delas elogiosa. E, afinal, foi Bandeira, que com seu poema “Os Sapos”, pela voz de Ronald de Carvalho, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, decretou a morte do Parnasianismo, cujos padrões há muito já não vinha seguindo. Isso seria a libertação dos padrões poéticos  
318 até então vigentes e — queira-se ou não —, o início do Modernismo.

A primeira referência pouco abonadora a Bandeira, no *Diário Confessional* de Oswald, encontra-se em 1949, no dia 7 de julho (Andrade, 2022, p.136). Diz assim: “Está aí o salafra Manuel Bandeira, que a nova geração começa a repelir”.

Às memórias de Oswald de Andrade, seu organizador, Manuel da Costa Pinto, acrescentou alguns trechos dos cadernos, referentes a 1952, onde o escritor “fala primordialmente da Semana de 22” (Andrade, 2022, p. 553, n.1), que comemorava trinta anos. A 23 de janeiro, a figura de Bandeira aparece: numa nota à margem: na

---

1 Doutora em Letras, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade de Coimbra, onde dirigiu o Instituto de Estudos Brasileiros e coordenou o Projeto Tempus, envolvendo a Universidade Carolina (Praga, República Checa). Membro integrado do Centro de Literatura Portuguesa e membro colaborador do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos e do Centro de Literaturas de Língua Portuguesa das Universidades de Lisboa

vertical, Oswald escreve “Manuel Bandeira — Profiteurs e adesistas” (Andrade, 2022, p. 553). Por que aproveitador e adesista?

A segunda referência tem a data de 26 de fevereiro de 1952 e confirma a anotação anterior:

O que perde o sr. Manuel Bandeira é o seu entranhado oportunismo. Veio de mansinho para a nossa revolução de 22, sem grandes credenciais. Mas, naquele momento — que era o da tomada de poder —, precisávamos fazer número. Aceitamos o sr. Guilherme de Almeida, o sr. Ronald de Carvalho e o sr. Ribeiro Couto. Por que recusar alguém que ia um pouco além dos versos medidos e remedidos desses três cavalheiros? Manuel continuou sempre assim, beneficiando-se tanto do Modernismo a que aderira como da Academia que badalou. É um triste politiqueiro. Como crítico é deplorável. Sua poesia, é verdade, tem um pequeno filão de ouro perdido num chumaço de poesia barata e conhecida. (Andrade, 2022, p. 558-559)

Mais adiante, comentando a crise por que passou a Semana de 22, Oswald escreve que Augusto Frederico Schmidt colocou seu prestígio “a favor de uma poética antimodernista e ultrapassada, mas que facilmente encontrou o favor do sorriso irônico-oportunista de Manuel Bandeira e a adesão de outros chicharros”. (Andrade, 2022, p. 567) 319

Qual teria sido o motivo dessa animosidade contra Bandeira? Estaria no texto “poesia pau brasil”, escrito em 1924, onde o poeta de *Cinza das Horas* diz que “poesia de programa é pau”, que se aborrece “dos poetas que se lembram da nacionalidade quando fazem versos” e afirma que deseja falar do que lhe “der na cabeça”? que, ao ouvir Américo Facó ditando pelo telefone um despacho recebido de Elêusis, sentiu a emoção lírica e não podia falar de Tabatinguera? Que Oswald tem “horror do que se aprendeu”? Que “o seu primitivismo consiste em plantar bananeiras e pôr de cócoras embaixo dois ou três negros tirados da Antologia do Sr. Blaise Cendrars”? (Bandeira, 1986, p. 247-248)

Nas crônicas de Bandeira, inéditas em livro, recém-editadas também agora em 2022, encontramos várias referências a Oswald de Andrade: umas contundentes, outras não. A primeira, saída em *Árvore Nova*, em outubro de 22, associa Oswald ao grupo que, em São Paulo, renova a arte. A mais contundente, porém, é quando o pernambucano sai em defesa de Mário de Andrade: porque Oswald escrevera a um amigo dizendo que o autor de *Macunaíma* ficaria “confinado no folclore”, Manuel contra-ataca n’A *Província*, em 17 de março de 1927:

Oswald é o campeão nacional nesse *sport* de perfídias amicais [...] ninguém está mais exposto às *boutades* de Oswald do que o seu grande amigo Mário de Andrade, cujos hábitos de seriedade, de sistema, de exame contrastam singularmente com a deliciosa desenvoltura do autor do *Primeiro Caderno de Poesia* (BANDEIRA, 1958, v.I, p.173).

320 Há, porém, uma referência que merece atenção: é quando, em A *Província* de 28 de julho de 1929 Bandeira escreve que acha monótonos os recitais de poesia, o que não acontece com Eugênia Moreyra, que só recita poesia brasileira de vanguarda e, de “maneira magistral e inexcedível”, declamou o ‘Hino Nacional de Pati do Alferes’, de Oswald de Andrade (Bandeira, 2008, v. I, p. 218). A observação poderia parecer um elogio, mas não é. Veja-se o que Bandeira acrescenta: “Foi a primeira vez que alguém ousou dizer em público o senhor Oswald de Andrade” (Bandeira, v. I, p.218)<sup>2</sup>.

Como as crônicas recém-publicadas em livro não me parecessem razão para tanta animosidade de Oswald com relação ao poeta pernambucano, resolvi reler as cartas que foram trocadas entre Bandeira e Mário de Andrade, tão bem editadas por Marcos Antônio de Moraes, um verdadeiro presente para os estudiosos dos

---

2 A carta para Mário de Andrade, datada de 21 de junho de 1928, falando do mesmo assunto, não vem marcada por essa ironia (Cf. MORAES, 2001, p. 392)

dois autores e de questões do Modernismo. Nelas poderia estar a chave do que eu buscava, pois não só começavam no próprio ano de 22, meses depois da Semana, como se estendiam até 1944.

Em carta de 17 de abril de 1924, escrita do Rio de Janeiro, da rua do Curvelo, onde Bandeira morava então, diz ele a Mário de Andrade, sobre o “Manifesto da Poesia Pau Brasil”, aparecido no *Correio da Manhã* (RJ) de 18 de março daquele ano, e sobre sua reação a ele:

O meu artigo era um veneno complicadíssimo em que entrava muita iroia, alguma taquinerie, um pouco de seriedade, um bioco de mistificação, raiva, nojo, etc. Não o escrevi com neurastenia, Estava alegre, excitado pelo manifesto do Oswald que não considero horrível e leviano como dizes. achei-o admirável. Li-o em casa do Sousa da Silveira, explicando-o e comentando-o com vivo afeto intelectual. Ataquee-o publicamente por reclamismo e mistificação cabotina. E Oswald tinha sido prevenido por mim de que o faria. Sentados a uma mesa do Bar Nacional, Oswald lamentou o costume dos elogios mútuos e endeusamento dos grupo literários. Disse gracejando que ia fazer ataques, intrigas. Dei-lhe razão. Prometi fazer o mesmo. O tom do meu artigo no parágrafo da intrigas não podia ser desvirtuado senão por inimigos desleais. Entretanto foi descompreendido pelos próprios companheiros de batalha! (Moraes, 2001, p. 116-117) (BANDEIRA, *apud* MORAES, 2001, p.116-117) 321

Só para um maior esclarecimento do que realmente pensava Bandeira sobre o “Manifesto da Poesia Pau Brasil”, vale a pena citar o que ele diz a Mário de Andrade, ainda nessa carta de 17 de abril de 1924, a respeito de Oswald:

[...] destaquei maliciosamente certas inconseqüências e rebati a estreiteza daquele conceito nacionalista. De resto é minha convicção de que somos irremediavelmente brasileiros. O mais viajado de nós, o mais estrangeirado. Pode um Nabuco levar a vida inteira a falar na constituição inglesa: no fundo está aquela

cabulosa “flor merencória da três raças tristes” do Bilac. Oswald é inteligentíssimo e que graça e força de expressão ele tem! O manifesto é delicioso — uma obra d’arte. Devo a ele a inspiração para um pequeno poema que incluo aqui,<sup>3</sup> bagatela cuja composição me proporcionou um gozo inacreditável. (Moraes, 2001, p. 118)

E, na carta de 13 de outubro de 1924, mais observações elogiosas:

Tenho ouvido coisas tremendas contra o caráter do Oswald. É possível, inclino-me a crer que sejam verdade. Mas Oswald tem uma perigosa e deliciosa ingenuidade nos olhos. Dá-me a impressão de uma criança pervertida. [...] Todos nós podemos ajustar contas com o Oswald, meter-lhe o pau, desancá-lo, enforcá-lo, mandá-lo para o inferno, requisitá-lo novamente para o estraçalhar com mais requinte, reduzi-lo a pó de mico ou pasta de lubrificar pasta de para-choque... nunca, porém, por de lado, porque o movimento moderno, a onda moderna, partiu de São Paulo e ele foi o batalhador da primeira hora. (Moraes, 2001, p. 138) (BANDEIRA, *apud* MORAES, 2001, p.138)

322

Criticando Tristão de Ataíde, Bandeira diz ainda, em carta de 21 de julho de 1925, que este não percebe “o essencial das coisas, por ex. a brasilidade, o gosto da terra na incoerência desbocada do Oswald” (Moraes, 2001, p. 220), o que não deixa de ser uma referência elogiosa ao autor de *Memórias Sentimentais de João Miramar*.

O mesmo teor, porém, não tem o que Bandeira escreve a Mário, em carta de 13 de setembro de 1925:

Oswald mandou-me o *Pau Brasil*. Que capa f.da p.! Aquilo sim, é arte brasileira “saída dos discursos da câmara, dos comentários dos jornais etc” O que está dentro é o bom Oswald, empregando a técnica de Kodak de Cendrars. Pena aquela prosa prefacial — cafeeira e importante. Deixemos de parolagem. Nós não inventamos nada. Isso de falar de Europa decadente e esgotada é pretensão muito besta. O livro tem coisas deliciosas, do realista

---

3 O poema é “Ariesphinx”.

Oswald, observador irônico. É o que eu chamo o melhor Oswald. Ele sente e critica deliciosamente o Brasil, mas no fundo é pouco Brasil. *Pau Brasil* é tradução de *Bois du Brésil*. (Moraes, 2001, p. 238). (BANDEIRA, *apud* MORAES, 2001, p.238)

O mesmo tipo de crítica, em determinado ponto mais contundente, embora noutro reafirmando admiração, aparece no que Bandeira escreve ao autor de *Macunaíma*, em 19 de setembro de 1925. Por isso, embora longa, a citação merece lugar:

Quando Oswald esteve na Oropa e fez aquela conferência na Sorbonne, lembra-se? a conferência foi publicada no nº da *Revue de L'Amérique Latine* onde vinham uns poemas de Cendrars que faziam parte da Kodak — Há três anos traduzi três para a Idea Ilustrada. Nem Oswald nem Sérgio faziam nada assim. A técnica de ambos foi tirada de Cendrars: é inegável — e para isso estou disposto a bancar o crítico documentado com datas, esbarrando apenas “numa palavra de honra que não conhecia” (em que aliás eu não acreditaria!). Sem dúvida isso não tem importância, pois a técnica é admirável, tem caráter clássico e serviu maravilhosamente às necessidades de expressão do Oswald. Se falei nisso (e falei a ele com a franqueza que a gente tem a coragem e o gosto de usar com as pessoas que sinceramente admira — com os outros se tem pena, não é?) foi porque me aporrinha essa coisa de bancar o inovador em cima da gente. As únicas coisas que não se parecem com os poemas europeus na poesia brasileira de agora são o “Noturno”, “Tarde te quero bem” e outras coisas suas, ainda que precisasse dizer que você não faria nunca se não fossem os europeus. [...] Do ponto de vista brasileiro só você me satisfaz. E disse ao Oswald: “— Você sente e critica deliciosamente o Brasil mas não é Brasil; quem é Brasil é o Mário. Você observa, Mário vive isso que você observa. O poeta é ele. E ele concordou. Tem que concordar porque é inteligentíssimo e minha observação crítica era inteligentíssima. (Moraes, 2001, p. 241-242) (BANDEIRA, *apud* MORAES, 2001, p. 241-242)

E as declarações positivas não param por aí. Em 23 de março de 1926, dizia Bandeira a Mário: “De São Paulo eu acho que só gosto mesmo de você e do Oswald” (BANDEIRA *apud* Moraes, 2001, p. 281). E, em 6 de novembro de 1926: “Um homem inteligentíssimo como o Ronald não tem o direito de desconhecer o verdadeiro sentido que o Oswald põe na campanha anticultural. No fundo a verdadeira cultura está com o Oswald. O que pertence ao Ronald é erudição” (Moraes, 2001, p. 320).

Mesmo entre o que declara de negativo no poeta de *Pau Brasil*, Bandeira vê coisas positivas: “Do Oswald só há dois meios de se defender: ou fazer mais blague e mais intriga do que ele ou então afastar-se. Ambas as coisas muito difíceis, porque: que sujeito engraçado! que sujeito cínico! que filho da puta gostoso!” (BANDEIRA *apud* Moraes, 2001, p. 326).

324 Outra observação positiva está na carta de 13 de janeiro de 1929. Nela, o sarcasmo de Oswald em relação à visita ao Brasil do presidente americano Herbert Hoover, recém-eleito, merece as seguintes palavras: “Veja o ‘Mensagem poética do povo Brasileiro a Hoover’ no último *Para Todos*. [...] O final está engraçadíssimo e profundo. É do melhor Oswald” (BANDEIRA *apud* Moraes, 2001, p. 413).

Não tendo encontrado na correspondência com Mário a razão das palavras tão pouco lisonjeiras de Oswald com relação a Manuel Bandeira, parti então para a leitura das cartas que este escreveu a Ribeiro Couto, guardadas no Arquivo Museu de Literatura Brasileira, na Fundação Casa de Rui Barbosa. Não haveria lugar de mais sinceridade que nessas cartas: Bandeira e Couto eram amigos íntimos há muitos anos. E o que encontramos nessa correspondência a respeito de Oswald?

Alguns elogios, pequenas críticas e alguma ironia. Se não, vejamos: se em 2 de outubro de 1926, Bandeira declarava que “os três melhores livros de poesia modernista no Brasil são *Um Homem*

na *Multidão*, o *Pau Brasil* e o *Losango Cáqui*”, em 20 do mesmo mês e ano, dizia assim:

Oswald de Andrade anda por aqui. Fez um pau-brasil delicioso. Você leu telegrama do Flores da Cunha narrando a captura do Honório Leme. Os versos do Oswald referem-se a isso. São assim: O genro. Flores da Cunha / Para honrar as suas estrelas/ Não precisou obter licença do Congresso. / Na primeira arrancada/ Prendeu o caudilho Honório Lemos — Tropeiro da Liberdade. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

Em 20 de novembro [26] registrava: “A literatura eternamente hilariante. Oswald de Andrade está aqui de passagem. Volta hoje à noite pra **São Paulo** e quinta ou sexta-feira embarca para a Europa.” E informava também: “No novo teatro da Avenida (um dos arrasa-céus) está levando uma revista em que num quadro recitam acanalhando aqueles versos do Oswald ‘Bela-cor é o complemento acanalhante da toaleta feminina’”, etc. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

Tarsila era elogiada, como o seria sempre, na carta de 25 de novembro de 26: sua beleza e as jóias faziam-na parecer “uma baiana estilizada”, além do *manteau* “maravilhoso que devia ter custado muitos contos de réis”. Nessa mesma carta Bandeira diz que foram ao Municipal depois, e Oswald foi buscá-lo para o levar “a uma pessoa que o queria conhecer” [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]. Por aí, se vê que as relações entre os dois era amistosa.

Em 26 de junho de 1927, Bandeira até parafraseia um trecho do “Manifesto da Poesia Pau Brasil” de Oswald<sup>4</sup>, para falar da própria saúde: “Não há motivo para quebrar o vidro e puxar a manivela” [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A].

4 O texto de Oswald diz “Uma sugestão de Blaise Cendrars: — Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menos descuido vos fará partir na direção oposta o vosso destino” (Andrade, 1959, p. 187)

Em defesa de Mário de Andrade, nessas cartas a Couto, em 15 de agosto 1927, Manuel Bandeira alfineta a vaidade de Oswald:

Estava no cais, ontem, para receber o Mário, que voltava do Norte. No mesmo vapor vinham Oswald e Tarsila que foram até a Bahia ‘ao encontro da caravana de regresso’. O Mário ‘parecia o imperador deposto de Iquitos.[...] O Oswald no segundo plano, afagando um saguim-de-cheiro para ter mais ar de quem voltava do Amazonas do que o Mário. Trazia também na mão uma viola pau-brasil que aliás o Ovalle diz que não é viola. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

No entanto, e certamente motivado por sua simpatia por Tarsila, Bandeira comenta com Ribeiro Couto, em 26 de dezembro de 1927, a visita que fez a São Paulo:

[...] perdi um belo almoço na casa de Oswald [...] A melhor recordação que trouxe foram os dois dias passados na fazenda de Tarsila, dormindo regaladamente, comendo como um deus, bebendo leite ao pé da vaca, ouvindo Sousa Lima tocar piano... O Oswald foi de um carinho cativante para comigo. Na hora de deixar a fazenda fiz este poeminha de agradecimento: ‘Felicidade Perfeita/A casa da fazenda de Tarsila é um bauzinho brasileiro pintado de azul e cor-de-rosa./ Dentro desse baú eu dormi duas noites nos braços de Nossa Senhora’[BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

326

As relações com Oswald parecem estar tão bem que, em carta escrita do Rio a 6 novembro [1928], Bandeira lhe pede que recomende seu amigo Blank a Agenor Barros, que acabou por arranjar ao holandês uma entrevista com Prestes [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A].

Um certo espírito de “fofoca” está presente na carta de 29 julho 1929:

Primeira exposição da Tarsila no Brasil: salão do Palace Hotel. Briga a socos entre Oswald e filho do Morais Sarmiento, dado a álcoolis e cocaína, que começou a ridicularizar os quadros.

Pessoal de SP brigado por causa da nova fase da revista de Antropofagia, agora suplemento do Diário de SP, jornal do consórcio Chateaubriand. Alma do movimento é Osvaldo Costa. Ele, Oswald e Bopp. Atacam Alcântara, Mário e Paulo Prado, “que cortaram relações com o Oswald a quem acusam de mil safadezas”. [...] O pessoal de São Paulo leva as coisas a sério e todos brigaram com o Oswald tomando-o como conspirador de tudo. Aqui no Rio não se liga e leva-se o Oswald como sempre se levou — na troça amical. Desta vez veio com Oswald e Tarsila, a sua amiga Anita Malfatti, que achei simpática e boazinha, e uma criatura esquisita, de cabelo comprido e todo desalinhado, cara e cintura muito finas, pernas, peitos e *arrière-train* muito grossos — chamada Pagu, É apresentada como gênio. Faz poemas, desenhos, declama. É cabotinazinha, malcriada e bestinha. Aqui no Rio falhou completamente. Ninguém acreditou no gênio. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

E em 4 de setembro de 1929, Manuel noticia: Tarsila e Oswald se divorciando. “Parece que o O. ficou de cabeça virada pela tal Pagu” [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

327

Mas, nesse mesmo dia, em outra carta, informa Ribeiro Couto de que, a pedido do Oswald, mandou um seu livro a Duriau [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A].

Em 12 de junho de 31, Bandeira escreve a Couto o seguinte:

Ultimamente tenho ido ao apartamento do Múcio e Eneida na Praia do Flamengo. Frequento-os uma turma heteróclita, cujo tom geral é de comunismo ou comunicante. Lá estive com a Pagu do Oswald. Casaram-se religiosamente no dia 1º de abril. Já tem um filhinho e vão para a Alemanha montar um café. O. leva um sujeito a quem paga pra ser patrão dele e da Pagu. Esta diz que homem que não tem cornos é aleijado. O. usa agora uma espécie de barba, anda de camisas de listas largas, três dedos, pretas e vermelhas. Salisbry, que dizia horrores dele, é agora grande companheiro. Em casa de Múcio o O. atacou a sua “poesia piegas” que faz um mal enorme à mocidade. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

Nas cartas que se seguem, Oswald não vem à baila. Onde estaria a razão de tanto ressentimento do autor de *João Miramar* para com Bandeira? Resolvi então examinar o *Poesia e Prosa*, saído em 1958, pela Aguilar. Nele encontrei, além de elogios, comentários contundentes a Oswald. Numa referência ao movimento de 22 em que antepõe Mário a Oswald, o pernambucano, num dos textos de “Flauta de Papel” (‘Diário Crítico’), diz que este “era um considerado, sem lastro sério de cultura”, e todo ele se resumia naquela opinião que emitiu acerca de certo livro de sucesso: ‘Não li e não gostei’” (Bandeira, 1958: v. II, 397).

Há também um capítulo inteiro dedicado ao autor de *Pau Brasil*, nessa *Flauta de Papel*: ‘Oswald’. Nele, Bandeira, depois de dizer que o paulista “era um folheador de livros, não um leitor”, com base nas sete páginas dedicadas por René Thiollier, em *Episódios de Minha Vida*, conta que, no Rio, quando preparava o concurso para uma cátedra de Literatura em São Paulo, escrevia uma tese sobre os arcades mineiros, mas ignorava quem fosse Sannazaro. E, como Bandeira lhe chamasse a atenção, saiu-se com esta: “Que é que você quer? Há quarenta e dois anos que não abro um livro” (Bandeira, 1958: v. II, 479). Continuando a ler o texto, pensei ter encontrado a chave das anotações na recém-saída edição do *Diário Confessional*. Diz Bandeira:

Durante muitos anos vivi nas boas graças de Oswald, que, estou certo, nunca terá lido um livro meu de cabo a rabo. Sempre me dedicava os seus com dedictórias tocantes: “A Manuel Bandeira nacional da poesia” foi uma delas. Um dia publiquei a *Apresentação da Poesia Brasileira*, que era um estudo histórico-crítico da nossa poesia seguido de uma antologia ilustrativa apenas. Oswald não entrava na antologia porque no estudo<sup>5</sup>, onde eu o

---

5 No estudo feito na *Apresentação da Poesia Brasileira*, Bandeira cita “Os Selvagens”, “Corografia”, “J.P.M.S. (da cidade do Porto)”, “Noturno”, “Procissão do Enterro”, “Ressurreição em Minas Gerais”. Em “O humor na

tratava na largueza que ele merecia, já eu havia transcrito dois de seus poemas. Pois Oswald ficou despeitado e nunca mais foi o mesmo para mim. Não houve explicação que o satisfizesse. Quem não quiser desafetos, comece não fazendo antologias... (BANDEIRA, 1958: v. II, 479-480)

Mas *Apresentação da Poesia Brasileira* foi publicada em 1946 e muitos encontros e elogios, pelo que se viu nas cartas e em todo o material consultado da autoria de Bandeira, têm data posterior. *Flauta de Papel*, que é tirada das *Crônicas da Província do Brasil*, publicadas em 1937, veio a lume em 1947. Mas as anotações pouco abonadoras de Oswald sobre o autor de *Ritmo Dissoluto* iniciam-se apenas em 1949. O que teria realmente havido?

Mais de cem anos depois de haver começado a rechaçar o Parnasianismo, e cem anos depois de ter um poema abrindo a Semana de Arte Moderna, mesmo sem ter ido a São Paulo, Bandeira continua dando — pelo menos para mim — panos pra manga!

329

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. “Manifesto da poesia pau brasil”. In: *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, v.16, p.187-189, 1959.

\_\_\_\_\_. *Diário Confessional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BANDEIRA, Manuel. “Poesia Pau Brasil”. In: ———. *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro Liv. José Olympio Editora, 1986, 2ª ed, p. 247-248.

\_\_\_\_\_. *Crônicas Inéditas I (1920-1931)*. São Paulo: Cosac Naify, 2008 (org. e notas Júlio Castagnon Guimarães).

\_\_\_\_\_. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958, v.I e II.

\_\_\_\_\_. **[carta para Ribeiro Couto] 20 out. 1926**. manuscrito. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

\_\_\_\_\_. **[carta para Ribeiro Couto] 20 nov. 1926**. manuscrito. [BR

---

poesia brasileira”, Bandeira elogia Oswald de Andrade e cita versos desse autor. (Bandeira, 1958: v.II, p. 1288-1289)

RJ FCRB AMLB RC cp78A]

\_\_\_\_\_. **[carta para Ribeiro Couto] 25 nov. 1926.** manuscrito. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

\_\_\_\_\_. **[carta para Ribeiro Couto] 26 jun.1926.** manuscrito. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

\_\_\_\_\_. **[carta para Ribeiro Couto] 17 abr.1939.** manuscrito. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

\_\_\_\_\_. **[carta para Ribeiro Couto] 15 ago.1927.** manuscrito. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

\_\_\_\_\_. **[carta para Ribeiro Couto] 26 dez.1927.** manuscrito. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

\_\_\_\_\_. **[carta para Ribeiro Couto] 6 nov.1928.** manuscrito. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

\_\_\_\_\_. **[carta para Ribeiro Couto] 29 jul.1929.** manuscrito. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

\_\_\_\_\_. **[carta para Ribeiro Couto] 4 set. 1929.** manuscrito. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

330 \_\_\_\_\_ **[carta para Ribeiro Couto] 12 jun. 1931.** manuscrito. [BR RJ FCRB AMLB RC cp78A]

MORAES, Marcos Antônio de (org.) *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros, 2<sup>a</sup> ed, 2001 (Coleção Correspondência de Mário de Andrade, 1).